

“(…) se se deve filosofar, deve-se filosofar, deve-se igualmente filosofar; em qualquer caso, portanto, deve-se filosofar; se de fato, a filosofia existe, somos obrigados de qualquer modo a filosofar, dado, justamente que ela existe; se, ao invés, não existe, também neste caso somos obrigados a pesquisar como a filosofia não existe; mas pesquisando, filosofamos, porque a pesquisa é causa da filosofia.”

Aristóteles, *Protrético*, fr. 2.

## 1. Introdução:

No primeiro capítulo do livro I da *Ética à Nicômaco*<sup>1</sup>, Aristóteles diz:<sup>2</sup>

Admite-se geralmente que toda arte e toda a investigação, assim como toda a ação e toda a escolha, têm em mira um bem qualquer; e por isso foi dito, com muito acerto, que o bem é aquilo a que todas as coisas tendem.

Nesta pequena passagem, o Estagirita resume todo o objeto de sua investigação ética, isto é, que todas as ações humanas, toda a escolha e toda a arte têm, em comum, um fim qualquer. No entanto, há um fim que é o objeto único e supremo do homem. Fim este que, segundo o filósofo, é desejado por si mesmo, pois tudo o mais que é desejado, o é em respeito a este fim, que, como coloca o filósofo, constitui, evidentemente, o sumo bem.<sup>3</sup> Segundo David Ross,<sup>4</sup> a ética aristotélica é teleológica, pois a moralidade para Aristóteles consiste na prática das ações não por elas serem corretas em si mesmas, mas por que elas podem nos levar mais perto do “bem para o homem”, ou seja, cada ação tem que ter um fim último que seja valioso em si mesmo, e, como mostra Ross, Aristóteles é incisivo nesta questão, pois o fim para qual todas as ações tendem tem que ser o mesmo. Diante disto, Ross levanta duas questões:<sup>5</sup> “*what is this end? And what science investigates it?*” Como mostra Ross, a segunda questão é mais simples de ser respondida, a ciência política é a capacidade mais alta e estimada, pois ela delimita quais ciências devem ser estudadas e por quem, é ela que nos diz o que devemos e o que não devemos fazer. É a ciência política que estuda o bem para o homem. Já a primeira questão é mais difícil, pois a resposta que ela demanda

---

<sup>1</sup> Esta dissertação tem como base as seguintes obras de Aristóteles: *Ética à Nicômaco*, *De Anima* e *Metafísica*. Contando também com o apoio de outras obras do filósofo como a *Ética Eudêmica*, *Magna Moralia* e *Política*.

<sup>2</sup> *Ética à Nicômaco*, I, 1, 1094 a 1 -3.

<sup>3</sup> *Ética à Nicômaco*, I, 2, 1094 a 17-20.

<sup>4</sup> Ross, *Aristotle*, pág. 196.

<sup>5</sup> Ross, *Aristotle*, pág. 196.

representa o cerne de toda a ética aristotélica. Podemos encontrar a resposta para esta difícil questão na seguinte passagem da *Ética à Nicômaco*:<sup>6</sup>

Verbalmente, quase todos estão de acordo, pois tanto o vulgo como os homens de cultura superior dizem ser este fim a felicidade e identificam o bem viver e o bem agir como o ser feliz.

Este fim para o qual todas as coisas tendem não é outro, senão, a felicidade, ou melhor, a *eudaimonia*. Como lembra Ross<sup>7</sup>, *eudaimonia* originalmente significava estar sob a proteção de um bom *daímon* ou de um bom gênio, porém no uso ordinário dos gregos antigos significava apenas boa fortuna, no entanto, Ross diz que a tradução “felicidade” (*happiness*) é insuficiente para abranger o significado que *eudaimonía* tem na ética aristotélica. Como podemos ver nas próprias palavras de Ross:<sup>8</sup>

(...) A tradução convencional “felicidade” é inapropriada na *Ética*, pois “felicidade” significa um tipo de sentimento, diferente de ‘prazer’ unicamente pela sugestão de permanência, profundidade e serenidade. Aristóteles insiste que *εὐδαιμονία* é um tipo de atividade; que não é um tipo de prazer, embora o prazer, naturalmente, a acompanhe.

Esta passagem de Ross mostra claramente como o termo “felicidade” não alcança o que Aristóteles denomina *eudaimonía*, pois enquanto a felicidade é apenas um sentimento, a *eudaimonía* é, para Aristóteles, o *télos*, isto é, o fim máximo para o qual todos os homens dos mais vulgos aos mais instruídos devem

<sup>6</sup> *Ética à Nicômaco*, I, 4, 1095 a 15-20.

<sup>7</sup> Ross, *Aristotle*, pág. 198.

<sup>8</sup> (...) *The conventional translation “happiness” is unsuitable in the Ethics, for whereas ‘happiness’ means state of feeling differing from ‘pleasure’ only by its suggestion of permanence, depth, and serenity, Aristotle insists that εὐδαιμονία is a kind of activity; that it is not any kind of pleasure, though pleasure naturally accompanies it.* Ross, *Aristotle*, pág. 198.

tender. Embora seja louvável querer atingi-lo individualmente, é muito mais belo e divino alcançá-lo no seio da *Pólis*, ou seja, da comunidade dos homens livres e iguais. A *eudaimonía* é o sumo bem, para ela devem tender as ações de toda a sociedade, motivo pelo qual Aristóteles colocou a política como a ciência que deve buscar este bem, pois, como já foi dito, é ela quem determina quais são as ciências em que o cidadão deve se instruir para que possa alcançar o fim supremo não de forma solitária, mas entre seus iguais.<sup>9</sup> No entanto, embora a *eudaimonía* seja o fim para o qual as ações humanas devam visar, Ross lembra que<sup>10</sup> precisamos saber que tipo de vida a *eudaimonía* é, pois muitos homens parecem buscar outras formas de vida, como o prazer ou a honra, como nos mostra o Estagirita:<sup>11</sup>

(...) Homens do tipo mais vulgar parecem, (não sem fundamento) identificar o bem ou a felicidade com o prazer, e por isso amam a vida dos gozos. (...) a grande maioria dos homens se mostra em tudo iguais a escravos, preferindo uma vida bestial, mas encontram certa justificação para pensar assim no fato de muitas pessoas altamente colocadas partilharem os gostos de Sardanapalo.

Nesta passagem, parece que, embora o filósofo reconheça que todos os homens, do vulgo aos mais instruídos, reconheçam a *eudaimonía* como bem, nem todos tem a mesma noção do que é *eudaimonía*, pois, como o filósofo apontou, os homens mais vulgares confundem o bem com o prazer, o que os aproxima dos escravos e das bestas, assim parece que a busca do bem verdadeiro pertence aos homens de maior instrução. No entanto, o Estagirita percebe que os homens de grande índole parecem confundir o bem com a honra, já que esta é, em suma, a finalidade da vida política, porém esta é uma busca artificial, pois a honra, como coloca o filósofo, depende mais de quem confere que de quem recebe<sup>12</sup>. Assim

---

<sup>9</sup> *Ética à Nicômaco*, I, 2, 1094 a 25\_ 1094 b 10.

<sup>10</sup> Ross, *Aristotle*, pág. 198.

<sup>11</sup> *Ética à Nicômaco*, I, 5, 1095 b 15-20.

<sup>12</sup> *Ética à Nicômaco*, I, 5, 1095 b 23-26.

que tipo de vida é aquela que busca o sumo bem? A vida que busca o sumo bem é a mais perfeita, pois é aquela que busca o fim em si mesmo e não o fim em vista de outra coisa, como mostra a seguinte passagem da *Ética à Nicômaco*:<sup>13</sup>

Ora, nós chamamos aquilo que merece ser buscado por si mesmo mais absoluto do que aquilo que merece ser mais buscado em vista de outra coisa, e aquilo que nunca é desejável no interesse de outra coisa mais absoluto do que as coisas desejáveis tanto em si mesmas com em interesse de uma terceira; por isso chamamos de absoluto e incondicional aquilo que é sempre desejável em si mesmo e nunca em interesse de outra coisa.

Fica óbvio que a vida que busca o fim em si mesmo é, de todas, a mais perfeita, já que a honra e o prazer são escolhidos por si mesmos ou escolhidos no interesse da *eudaimonía*, pois a sua posse parece nos deixar mais próximos do sumo bem. Porém, a *eudaimonía* é auto-suficiente, ou seja, ninguém a escolhe tendo em mente outro que fim que não seja ela própria.

Sendo a *eudaimonía* o sumo bem em si mesmo que pode ser realizado pelo homem, como é possível alcançá-la? O fim supremo é alcançado através da virtude. Aristóteles associa a natureza da virtude com a sua investigação da alma, afirmando que *eudaimonía* é, na verdade, uma atividade da alma:<sup>14</sup>

Já que a felicidade é uma atividade da alma conforme a virtude perfeita, devemos considerar a virtude perfeita: pois talvez possamos compreender melhor, por esse meio a natureza da felicidade

Como podemos ver nesta passagem, o Estagirita coloca *eudaimonía* como uma atividade da alma conforme a “virtude perfeita”. Por “virtude perfeita”

<sup>13</sup> *Ética à Nicômaco*, I, 7, 1097 a 30-35.

<sup>14</sup> *Ética à Nicômaco*, I, 13, 1102 a, 5-10.

entende-se a virtude de uma parte específica da alma, uma parte que só ao homem compete, isto é, a parte racional da alma. Em sua investigação psicológica, Aristóteles estabeleceu que a alma humana é tripartida, ou seja, contem três partes distintas: vegetativa, sensitiva e racional. A concepção aristotélica da alma remete a sua teoria hilemórfica da realidade, na qual o filósofo compreende que todas as coisas que existem no mundo sensível são sínolos, ou seja, a união concreta da *hylé* com a *morphé*, isto é, a união da matéria e da forma, sendo a matéria a potência e a forma a *enteléquia*, isto é, o ato que informa a matéria constituindo, assim, o ser. Como diz o filósofo<sup>15</sup> a virtude que devemos estudar é a da alma e não a do corpo, pois a alma tem uma parte racional, assim, a faculdade da alma que nos interessa investigar é a racional que compete unicamente ao homem, pois ele é o único capaz do pensamento e de deliberar sobre suas ações. Devido à capacidade do pensamento, o homem pode, por breves momentos, romper os limites da matéria e tocar a realidade divina através da virtude da *Sophia*, da sabedoria filosófica. A sabedoria filosófica, como coloca Reale,<sup>16</sup> é constituída pela captação intuitiva dos princípios através do intelecto, ou seja, ela é superior à prudência, pois esta corresponde ao que diz respeito ao homem, enquanto a sabedoria corresponde ao que transcende o homem, como bem coloca Aristóteles:<sup>17</sup>

(...) há outras coisas muito mais divinas por sua natureza do que o homem; o exemplo mais conspícuo disso são os corpos de que foram povoados os céus. De quando se resulta claramente que a sabedoria filosófica é um conhecimento científico combinado com a razão intuitiva daquelas coisas que são mais elevadas por natureza.”

Nesta passagem, Aristóteles define a sabedoria filosófica como a virtude que se preocupa com o que está além do homem, ou seja, com o conhecimento

---

<sup>15</sup> *Ética à Nicômaco*, I, 12-13, 1102 a \_ 1103 a 10.

<sup>16</sup> Reale, *História da Filosofia Antiga*, vol. II. *Platão e Aristóteles*. Pág. 419.

<sup>17</sup> *Ética à Nicômaco*, VI, 7, 1141 a 35\_ 1141 b 1-3.

divino, das esferas celestes e até mesmo do próprio deus<sup>18</sup>. Através da virtude intelectual da sabedoria filosófica, o homem pode alcançar a mais perfeita das vidas, aquela que o fará atingir, com maior plenitude, a *eudaimonía*, a vida da *theoria*, ou seja, a vida contemplativa.

Aristóteles coloca a *eudaimonía* como uma atividade da alma, que para ser alcançada necessita da prática da ação virtuosa, não só das virtudes morais, mas acima de tudo das virtudes intelectuais, visto que estas competem à parte mais elevada da alma, ou seja, a razão. Segundo o filósofo, como já vimos, a razão é o elemento divino no homem, é aquilo que, em nós, é mais elevado, portanto a sua atividade, isto é, a contemplação é perfeita e auto-suficiente que conhece em si o próprio fim. A contemplação é, por excelência, a atividade de deus, pois nela ele se encontra continuamente, o que significa que deus é continuamente *eudaimon* e é objeto do filósofo buscar este estado de bem-aventurança, pois o filósofo é o buscador da verdade e o homem mais caro aos deuses, como nos diz Aristóteles nas seguintes passagens do livro X da *Ética à Nicômaco*:<sup>19</sup>

Por conseguinte, a atividade de Deus, que ultrapassa todas as outras pela bem-aventurança, deve ser contemplativa; e das atividades humanas, a que mais tem afinidade com esta é a que mais deve participar da felicidade.

Ora, é evidente que todos estes atributos pertencem mais que a ninguém ao filósofo. É ele, por conseguinte, de todos os homens o mais caro aos deuses. E será, presumivelmente também o mais feliz.

Nesta passagem, Aristóteles nos mostra que a atividade do intelecto é aquilo que aproxima o homem da divindade, ou seja, a contemplação nos aproxima de deus. A contemplação é, por excelência, a atividade divina, ou seja, a atividade de

---

<sup>18</sup> N.A. No texto original grego, ao usar o termo “deus” (*theos*) para denominar o primeiro motor, Aristóteles não o usava em maiúsculo, portanto, nesta dissertação o termo estará de acordo com os textos originais, com exceção de passagens traduzidas das obra do filósofo e de passagens das obras de comentadores.

<sup>19</sup> *Ética à Nicômaco*, X, 1178 b 20-25/ 1179a 30-35.

deus e nela, como já foi dito, ele se encontra continuamente, pensando aquilo que há de mais perfeito para ser pensado, ou seja, a si mesmo. Quando o homem entra no estado contemplativo ele atualiza o que se encontra em potência nele, ou seja, o homem se aproxima da divindade e alcança verdadeira *eudaimonía*. Aristóteles mostra que, para encontrar a *eudaimonía*, o homem precisa encontrar o divino que há em seu ser.

Portanto, toda a atividade e toda a escolha do homem tem em comum um único fim último, fim este que é buscado por si mesmo, pois ele consiste no bem supremo do homem que só pode ser alcançado através da prática de ações virtuosas que fazem com que o homem exerça a atividade da alma que é a mais perfeita, isto é, a razão. A atividade intelectual leva o homem à por em ato aquilo que está em potência no seu ser, levando-o, mesmo que por breves momentos, à contemplação divina e à proximidade de deus, sendo, dessa forma, verdadeiramente *eudaimon*.